

A jangada de pedra: fendas, linhas e encontros

Mário Bruno*
Sara Grünhagen**

RESUMO:

Buscando um diálogo entre literatura e filosofia, este artigo trata do romance *A jangada de pedra* a partir de uma perspectiva deleuziana, relacionando conceitos do filósofo a elementos importantes da narrativa de Saramago. Propõe-se uma análise da fenda que culmina na rachadura dos Pirineus, suas possíveis causas e consequências, a busca pela verdade gerada pelas jornadas que dela resulta. Problematizam-se também as linhas e os encontros que atravessam os personagens, questionando suas identidades e promovendo desterritorializações.

Palavras-chave: Fendas. Linhas. Encontros. Verdade. Identidade.

*Este mundo, não nos fatigaremos de o repetir,
é uma comédia de enganos.*
José Saramago

Publicado em 1986, ano da adesão à União Europeia tanto por Portugal quanto pela Espanha, *A jangada de pedra* inicia com um acontecimento inusitado: uma súbita rachadura nos Pirineus que culmina na separação da Península Ibérica do restante da Europa. Outros estranhos episódios são relatados, estando como que ligados a essa significativa separação; é o caso de Joana Carda, com quem se inicia o romance, que traça um risco no chão com uma vara de negrilho, o qual não se apaga de modo algum. Esse risco em si já se revela simbólico no contexto da narrativa, conforme se verifica mais adiante, nas palavras da personagem:

Levantei o pau do chão, sentia-o vivo como se ele fosse toda a árvore de que tinha sido cortado, ou assim o sinto agora quando me lembro, e nesse momento, num gesto que mais foi de criança do que de pessoa adulta, tracei um risco que me separava de Coimbra, do homem com quem vivi, definitivamente, um risco que cortava o mundo em duas metades, vê-se daqui (SARAMAGO, 2006, p. 128).

Foi esse risco o responsável pela rachadura dos Pirineus? No constante movimento de expor-questionar do livro, pergunta-se “se [Joana] não pensara nas consequências de um acto que parecia não ter sentido, e esses, recordai-vos, são os que maior perigo comportam” (SARAMAGO, 2006, p. 8). O que gerou a rachadura, a fenda, da história parece ser o que menos importa, ainda que funcione como ponto de partida para uma série de viagens decisivas a serem empreendidas pelos personagens, quer como indivíduos quer como grupo. Esses atos impensados, tão perigosos, revelam-se importantes na história dos outros personagens também, atuando em conjunto com a rachadura nos Pirineus no sentido de impulsionar a viagem a que cada um vai se lançar. Isso porque, na busca pela verdade a que se propõem os personagens, tanto pode ter sido esse risco quanto os outros episódios descritos – ou uma conjugação de todos eles – o que culminou na dramática separação: Joaquim Sassa e a pedra pesada demais para ele,

mas que é lançada ao longe e repica na água, Pedro Orce e o tremor que só ele passa a sentir a partir da rachadura dos Pirineus, José Anaíço e o bando de estorninhos que o acompanha de forma misteriosa e Maria Guavaira com seu pé de meia, cuja lâ azul desfia-se interminavelmente (SARAMAGO, 2006, p. 10-15). Intrigados, de início estes personagens interrogam-se sobre *o que se passou* e a relação entre o acontecimento mais geral, que afetou a todos, e os episódios individuais:

Quem sabe se a culpa não é minha, murmurou Joaquim Sassa (...) falo sim do que eu fiz, atirei uma pedra ao mar e há quem acredite que foi razão de arrancar-se a península à Europa, Se um dia tiveres um filho, ele morrerá porque tu nasceste, desse crime ninguém te absolverá, as mãos que fazem e tecem são as mesmas que desfazem e destecem, o certo gera o errado, o errado produz o certo, Fraca consolação para um aflito, Não há consolação, amigo triste, o homem é um animal inconsolável (SARAMAGO, 2006, p. 62).

Joana Carda e seu risco que para ela marca definitivamente uma separação em vários níveis, Joaquim Sassa e seu feito impossível com a pedra que se vê confrontado com a impossibilidade de consolo para o encadeamento imprevisível e quase nunca perfeitamente compreensível dos fatos. O insólito dos acontecimentos afeta cada um dos personagens e, mais do que a compreensão em si do *que se passou* efetivamente, importa o que foi gerado a partir desses confrontos com o que não se pode entender, mesmo quando esse resultado incompreensível teve origem numa ação do próprio sujeito, e não só no acontecimento maior da rachadura dos Pirineus – afinal, foi Joana quem traçou o risco, foi Joaquim quem jogou a pedra, foi Maria quem se pôs a desfiar seu pé de meia. Podemos ler toda uma alegoria nesses objetos, assim como nas ações dos personagens e nos seus resultados a princípio improváveis, mas o que queremos destacar é a possibilidade de busca em vários níveis que esses acontecimentos promovem.

Antes, porém, cabe apontar para o quanto o narrador insiste na relação intrínseca dos acontecimentos, o que pode servir para reforçar a leitura algo metafórica proposta aqui, que procura enxergar na improbabilidade dos eventos uma série indissociada de buscas, jornadas, encontros, resultantes das várias fendas que atravessam a história dos personagens. Assim, o narrador nos diz, logo no início do romance, que “todas estas coisas, mesmo quando o não parecerem, estão ligadas entre si” (SARAMAGO, 2006, p. 16). Mais adiante, temos também que “ainda há quem não acredite em coincidências, quando coincidências é o que mais se encontra e prepara no mundo, se não são as coincidências a própria lógica do mundo” (SARAMAGO, 2006, p. 109). E, ao final do livro, essa ideia é novamente reforçada:

Meu Deus, meu Deus, como todas as coisas deste mundo estão entre si ligadas, e nós a julgarmos que cortamos ou atamos quando queremos, por nossa única vontade, esse é o maior dos erros, e tantas lições nos têm sido dadas em contrário, um risco no chão, um bando de estorninhos, uma pedra atirada ao mar, um pé-de-meia de lâ azul, se a cegos mostramos, se a gente endurecida e surda pregoamos (SARAMAGO, 2006, p. 289).

Assim, relaciona-se essa série de eventos que fogem à compreensão dos personagens à ideia da busca pela verdade como algo que só acontece a partir de um confronto-encontro; isso porque a verdade, para Deleuze, “depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro” (DELEUZE, 2010, p. 15). A busca pela verdade não se dá naturalmente, por uma pré-disposição do sujeito a entender-se com o conhecido e com o

desconhecido, na medida em que o sujeito ainda não sente a necessidade (ou o incômodo) de repensar sua posição, qualquer que seja ela.

Em *A jangada de pedra*, cada personagem tem uma história a que se vê obrigado não só a repensar, mas até a deixar; os confrontos-encontros que promovem a fenda, a busca e a viagem estão bem marcados, cada personagem ia levando sem grandes acontecimentos sua própria vida de ex-esposa (Joana Carda), escriturário (Joaquim Sassa), farmacêutico de interior (Pedro Orce), professor (José Anaíço) e viúva (Maria Guavaira). Desse modo, na separação deleuziana das linhas que constituem e atravessam o sujeito, cada personagem é apresentado na sua *linha de segmentaridade dura ou molar*, em que as posições são bem definidas, quer em termos de classe, profissão, relacionamento etc. Nessa linha, quaisquer que sejam as mudanças (como a de Joana Carda, que deixou para trás seu casamento), “tem-se um porvir, não um devir” (DELEUZE, 2012, p. 73). Mas não se trata de uma linha de morte, “já que ocupa e atravessa nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar” (DELEUZE, 2012, p. 74). Não se pode cair na simplificação de dizer que essa linha, e as posições fixadas que dela resultam (*o professor, a viúva, o homem, a mulher* etc.), é necessariamente ruim, pois ela está em toda parte e em todas as outras linhas. A questão, porém, é que não é nessa linha que se dá a busca pela verdade de que fala Deleuze, com que se confronta o herói de *Em busca do tempo perdido* por ele analisado, por exemplo, que sente a necessidade de interpretar os signos que se interpõem e que o afetam.

Essa busca pode, porém, ser promovida a partir das posições da linha dura, mas o que se segue já entra no âmbito de outra linha, da *linha de segmentação maleável ou molecular*: “o que conta agora é a forma do segredo cuja matéria nem tem mesmo mais que ser descoberta” (DELEUZE, 2012, p. 74). Em *A jangada*, de fato o segredo da fenda-rachadura e do que gerou a fenda, a explicação do *que se passou* para se chegar àquela nova realidade, não é desvendado, ainda que seja o que promova a busca pela verdade. Mas os personagens são atravessados por essa linha maleável na medida em que se veem como que desterritorializados, literal e metaforicamente; perguntam-se “Que se passou, o que pode mesmo ter acontecido?”. Isso porque se trata de uma linha “muito diferente da precedente (...) onde os segmentos são como *quanta* de desterritorialização” (DELEUZE, 2012, p. 75). O afastamento da Europa – extremamente simbólico em termos políticos, como se verá mais adiante – e em alguma medida o afastamento de si mesmo dos personagens, de suas linhas duras (todos deixam para trás suas posições bem definidas para empreender uma jornada, uma busca pela verdade), são emblemáticos dessa segunda linha, que, como Deleuze procura ressaltar, não é necessariamente melhor, mas se diferencia em muito da primeira e talvez seja o elemento preciso para o encontro, seja este literal ou não.

Pode-se entender, portanto, que a segunda linha proporciona de certo modo o *fio* condutor da história, imagem esta que nos remete ao fio azul interminável de Maria Guavaira, envolvendo os heróis da narrativa, ligando-os e unindo-os em torno de algo comum. Assim, é nessa segunda linha que os personagens se veem diante do segredo do que se passou e é ela que os leva a sair em busca da verdade. Sem essa linha maleável, talvez, não se saia do lugar. Nas palavras de Deleuze:

O que quer dizer aquele que diz ‘eu quero a verdade’? Ele só a quer coagido e forçado. Só a quer sob o império de um encontro, em relação a determinado signo. Ele quer interpretar, decifrar, traduzir, encontrar o sentido do signo. (...) Procurar a verdade é interpretar, decifrar, explicar, mas esta “explicação” se confunde com o

desenvolvimento do signo em si mesmo; por isso a *Recherche* é sempre temporal e a verdade sempre uma verdade do tempo (DELEUZE, 2010, p. 15-16).

Qual é, porém, a verdade ou as verdades especificamente do romance *A jangada de pedra*, em cuja busca os personagens se lançam depois de todos esses encontros? A resposta, caso apareça, talvez importe menos que a busca ou a jornada em si, que constitui todo o movimento narrativo do livro. Isso porque os personagens a princípio se questionam, questionam uns aos outros, tentam, como diz Deleuze, interpretar, decifrar e explicar – realmente passam a querer a verdade –, mas a explicação em si permanece uma incógnita e acaba assumindo uma importância secundária, confundindo-se com o signo que gerou a própria *recherche* da jangada de pedra mar afora e de seus integrantes em terra.

Temos, portanto, que todos os encontros resultantes dos acontecimentos ilógicos do livro geram as simbólicas jornadas que permeiam a todo o tempo a narrativa: da Península-jangada-barca, “que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido” (SARAMAGO, 2006, p. 39), dos cinco personagens mais o cão Ardent-Piloto-Constante, seu guia, de Roque Lozano e seu cavalo Platero e de outros que cruzam o caminho desses navegantes do mar e da terra. São várias as jornadas do livro, e não por acaso o encontro com Roque Lozano no início da viagem, quando a caravana se resume a Joaquim Sassa e José Anaíço, repete-se ao final, como que para marcar uma espécie de retorno, mas que não é um retorno do mesmo. Semelhantemente, a história, que começa com o risco de Joana Carda, termina com nova menção à vara mágica: “A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem” (SARAMAGO, 2006, p. 291). Mas esse retorno não implica um término; a viagem não só não termina como se mostra presente o tempo todo, é a própria essência da vida, na medida em que uma jornada se insere na outra – os personagens na península em movimento, a jangada de pedra no oceano, o mundo na galáxia:

Ora reparem, nós aqui vamos andando sobre a península, a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, e enquanto roda sobre si mesma, roda também à volta do sol, e o sol também gira sobre si mesmo, e tudo isto junto vai na direcção da tal constelação, então o que eu pergunto, se não somos o extremo menor desta cadeia de movimentos dentro de movimentos, o que eu gostaria de saber é o que é que se move dentro de nós e para onde vai, não, não me refiro a lombrigas, micróbios e bactérias, esses vivos que habitam em nós, falo doutra coisa, duma coisa que se mova e que talvez nos mova, como se movem e nos movem constelação, galáxia, sistema solar, sol, terra, mar, península, Dois Cavalos, que nome finalmente tem o que a tudo move, de uma extremidade da cadeia à outra, ou cadeia não existirá e o universo talvez seja um anel, simultaneamente tão delgado que parece que só nós, e o que em nós cabe, cabemos nele, e tão grosso que possa conter a máxima dimensão do universo que ele próprio é, que nome tem o que a seguir a nós vem, Com o homem começa o que não é visível, foi a resposta surpreendida de José Anaíço, que a deu sem pensar (SARAMAGO, 2006, p. 234-5).

Os acontecimentos enigmáticos que promovem as múltiplas jornadas e buscas do romance não chegam a ser explicados; sua ligação é constantemente reiterada, mas não resolvida. Nesse sentido, o próprio uso da linguagem mostra-se importante para essa não chegada, para essa não resposta, para marcar, enfim, essa busca infinita; os vários discursos que atravessam a narrativa (científico, matemático, popular, intertextual etc.), assim como os desvios e as intervenções do narrador, estão em consonância com o movimento de vaivém dos personagens, com suas rotas irregulares mas constantes, e também funcionam no sentido de reforçar a impossibilidade de uma resposta definitiva para a busca, apontando para um devir, muito mais do que para o porvir da linha dura. Os viajantes estão em busca de algo que eles próprios não sabem

o que é, mas que os impulsiona à jornada, que os torna errantes numa Península também mudada.

Cabe lembrar, ainda, que o tema da viagem é particularmente importante no contexto tanto da História quanto da Literatura Portuguesa; nesse último caso, as referências intertextuais são imediatas: Camões e seus *Lusíadas* (“em mares, estes sim, nunca dantes navegados”, SARAMAGO, 2006, p. 80), Fernando Pessoa e sua *Mensagem*, também direta e indiretamente citados, com destaque para o trecho em que, depois de a península ter parado no meio do oceano Atlântico, entre a África e a América do Sul, se narram os embates políticos:

Do lado português deu-se o que seria de esperar, uma súbita revivescência dos estudos ocultistas e esotéricos, que só não foi a mais porque a situação se veio a alterar radicalmente, mas mesmo assim ainda deu tempo para se esgotarem todas as edições da História do Futuro do Padre Antônio Vieira e das Profecias do Bandarra, além da Mensagem de Fernando Pessoa, mas isso nem era preciso dizer (SARAMAGO, 2006, p. 262).

Essa “revivescência”, porém, que aludiria a uma antiga e recorrente busca portuguesa por uma espécie de redenção ao modo de um sebastianismo conservador, detém-se aqui, não havendo espaço para ela em *A Jangada*. O fato é que a desejável salvação de Portugal, se ainda necessária, não vai se apresentar na figura tornada mítica de Dom Sebastião, mas, talvez, na figura das pessoas comuns, do povo humilde que não foge quando a Península *rompe* com a Europa (por opção e também por falta de condição), dos Josés, Pedros, Marias e outros que são afetados pelos acontecimentos e se lançam a uma jornada junto com a Península.

Além disso, a jornada e sua circularidade, seu caráter não terminal, são marcantes não só no sentido de reforçar a impossibilidade de objetividade, de respostas concretas, mas colocam em xeque a posição tanto da Península quanto dos personagens, servem para questionar as linhas duras de uma identidade definida e definitiva. O rompimento com a Europa pela rachadura dos Pirineus é emblemático desse questionamento da identidade de Portugal e Espanha e da posição de marginalidade que esses países sentem que exercem diante da Europa. Tal separação no romance é bastante simbólica tendo em vista o período de escritura e publicação do livro, que, como já foi dito, coincide com a época de discussão sobre a entrada de Espanha e Portugal na União Europeia.

Desde o início do romance, toda a viagem dessa enorme jangada de pedra causa grande comoção na comunidade internacional, sempre acompanhando de perto a jornada, sempre preocupada politicamente com os rumos que aquela inusitada independência pode tomar. As relações entre países são constantemente parodiadas ao longo do romance, assim como o é a atuação política dos governantes em geral – caracterização esta bastante interessante e recorrente em outras obras de Saramago, a exemplo de *As intermitências da morte* e *Ensaio sobre a cegueira*. O questionamento e a crítica dessas relações diplomáticas e das identidades em questão aparecem, por exemplo, em trechos bastante irônicos como o que segue:

Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual, começámos finalmente a saber o que a Europa é, se não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também. Apostemos que em nosso final futuro estaremos limitados a um só país, quinta-essência do espírito europeu, sublimado perfeito simples, a Europa, isto é, a Suíça (SARAMAGO, 2006, p. 139).

Para a Península, porém, a viagem mar afora, tão importante na história portuguesa, tão cantada por poetas e tão saudosamente recuperada na literatura, abre novamente os horizontes para novas possibilidades, para novas conquistas inclusive, principalmente em termos de estabelecimento de novos laços: a Península, que acaba por parar no meio do oceano Atlântico entre a África e a América do Sul, vem situar-se numa “posição estratégica” (SARAMAGO, 2006, p. 283-4), talvez mais para ela do que para a Europa e a América do Norte, já que pode ligar-se mais facilmente aos países que sofreram maior influência de Espanha e Portugal por causa da colonização. No caso da repercussão do rompimento da Península com a Europa, temos uma representação não só dos políticos ambiciosos e das políticas de intriga, mas também daqueles europeus que ficaram para trás e lamentam não fazer parte desta viagem, os quais, em dado momento, expressam sua solidariedade e universalidade num grito que assume proporções de maio de 68:

Porém, se há desses europeus, também há europeus destes. A raça dos inquietos, fermento do diabo, não se extingue facilmente, por mais que se afadiguem os áugures em prognósticos. Ela é a que segue com os olhos o comboio que vai passando e entristece de saudade da viagem que não fará, ela é a que não pode ver um pássaro no céu sem experimentar um apetite de alciónico voo, ela é a que, ao sumir-se um barco no horizonte, arranca da alma um suspiro trémulo, pensou a amada que foi de estarem tão próximos, só ele sabia que é de se achar tão longe. Foi portanto uma dessas inconformes e desassossegadas pessoas que pela primeira vez ousou escrever as palavras escandalosas, sinal duma perversão evidente, Nous aussi, nous sonimes ibériques (...) Mas a frase saltou as fronteiras, e depois de as ter saltado verificou-se que afinal já aparecera também nos outros países (...) Centenas de milhares, milhões de jovens em todo o continente saíram à mesma hora para a rua, armados não de razões mas de bastões, de correntes de bicicleta, de croques, de facas, de sovelas, de tesouras, como se tivessem enlouquecido de raiva, e também de frustração e dor antecipada, e gritavam, Nós também somos ibéricos (SARAMAGO, 2006, p. 139-40).

Conforme aponta Harold Bloom (2005, p. xiv), o grito de liberdade ecoa a famosa frase “Ich bin ein Berliner” proferida pelo ex-presidente John F. Kennedy, num discurso de 1963 que enfatizava o apoio dos EUA à Alemanha Ocidental, quase dois anos depois da construção do Muro de Berlim (1961) – em plena Guerra Fria, portanto.

Entretanto, para além das relações que se estabelecem na narrativa com o contexto português especificamente e das críticas identificadas no romance, interessa ainda retomar o elemento maior que a princípio provocou todas essas jornadas e buscas que atravessam a história: a misteriosa rachadura dos Pirineus. Tal fenda revela-se como incontornável, como irrecuperável – assim como o risco de Joana Carda, que não se apaga de forma alguma –, e afeta diretamente a vida de todos os que vivem na Península e também dos que ficaram no continente europeu, conforme já se mostrou. A fenda que, junto com os acontecimentos incomuns de cada personagem, atua para promover a busca pela verdade permanece uma ferida aberta no romance, tanto quanto as jornadas dos personagens parecem não ter um fim último. Aqui talvez entremos na terceira linha de que fala Deleuze:

Uma espécie de linha de fuga, igualmente real, mesmo que ela se faça no mesmo lugar: linha que não mais admite qualquer segmento, e que é, antes como que a explosão das duas séries segmentares. Ela atravessou o muro, saiu dos buracos negros. Alcançou uma espécie de desterritorialização absoluta. (DELEUZE, 2012, p. 76).

Trata-se de uma linha difícil de definir, porque nela nem mesmo há forma, ela é “nada além de uma pura linha abstrata”. Sendo uma linha de desterritorialização absoluta, não há como precisá-la com segurança. O romance acaba com morte e vida, o falecimento de Pedro Orce e a possibilidade de a vara de negrilho voltar a verdejar, mas os personagens que continuam a jornada não são mais os mesmos, algo se passou, eles não retornaram ao início e ao que eram antes. Eles são atravessados pelas três linhas ao longo do romance:

Na primeira [linha dura], há muitas falas e conversações, questões ou respostas, intermináveis explicações, esclarecimentos; a segunda [linha maleável] é feita de silêncios, de alusões, de subentendidos rápidos, que se oferecem à interpretação. Mas se a terceira fulgura, se a linha de fuga é como um trem em marcha, é porque nela se salta linearmente, pode-se enfim falar aí “literalmente”, de qualquer coisa, talo de erva, catástrofe ou sensação, em uma aceitação tranquila do que acontece em que nada pode mais valer por outra coisa. Entretanto, as três linhas não param de se misturar (DELEUZE, 2012, p. 77).

Todos aqueles questionamentos e tentativas de explicação que se multiplicam no início de *A jangada* vão dando lugar a uma maior aceitação das fendas, e a busca passa a ser predominante e não mais uma exceção. Os personagens reveem e deixam suas posições demarcadas das linhas duras, criam novos laços, entendem-se nos silêncios, não precisam mais explicar tanto aquilo para o qual pode não haver explicação. Na medida em que “uma verdadeira ruptura é algo a que não se pode voltar, que é irremissível porque faz com que o passado tenha deixado de existir” (DELEUZE, 2012, p. 79), talvez se possa entrever algo da verdade buscada nas jornadas do livro nessa terceira linha: a verdade não é a verdade do que está por trás da fenda, do que a fenda significa, mas é a verdade da própria fenda, da sua realidade incontornável.

Essa realidade incontornável da fenda como algo que não se pode simplesmente superar, ou curar, pode ser insuportável, e a linha de fuga ou de ruptura, correr o risco de se tornar uma linha de morte. É o que parece acontecer em *A fenda aberta*, de Fitzgerald, cuja ruptura acaba sendo forte demais, impactante demais, e aponta para a morte, também segundo a análise de Deleuze (2012, p. 77-80). O fato é que “a fenda não pode ser preenchida, pois ela é o mais elevado objeto do pensamento: o homem não a preenche e nem recola suas bordas; ao contrário, no homem, a fenda é o fim do homem ou o ponto originário do pensamento” (DELEUZE, 2004, p. 128). Os personagens de *A jangada* parecem ser atravessados pela terceira linha quando buscam formas de desterritorialização, quando não retornam ao mesmo mas enfrentam a fenda, ainda que não haja *consolação* para o que quer que tenha se passado: “Os homens e as mulheres, estes, seguirão o seu caminho, que futuro, que tempo, que destino” (SARAMAGO, 2006, p. 290). O final é um não final, num livro cuja busca claramente não acaba, mas que é, talvez, o fim último da vida.

Assim, em *A jangada de pedra* podemos ler múltiplas e intermináveis jornadas, quer de uma nação que novamente se lança ao mar, revendo a história e pensando o futuro (como fizeram Camões, Pessoa e agora, com eles, Saramago), quer do sujeito consigo mesmo, no mundo-pátria, nas relações sociais. Também há que se enxergar na cisão dos Pirineus essa fenda que promove a busca da verdade, mas que também é ruptura com o que veio antes e que requer uma ação ativa para ser linha de vida, atitude esta que se revela presente nos protagonistas na medida em que não encontram mais sentido em continuar a levar a vida que tinham e se lançam a uma jornada de autoconhecimento e de novos afetos, expressos na formação dos casais Joana e José e Maria e Joaquim, assim como na generosidade sexual de Joana e Maria para com Pedro Orce e na

fertilidade que subitamente toma conta de toda a península ao final do livro. São todas leituras possíveis num livro que certamente dialoga com sua época, mas que também a transcende, inclusive em termos de espaço, pois que essas fendas, linhas, encontros e buscas pela verdade se estendem, como necessidade, como sonho, a outras sociedades e a outros tempos.

The Stone Raft: fissures, lines and encounters

ABSTRACT:

Seeking for a dialogue between literature and philosophy, this paper analyzes the novel *The Stone Raft* from a Deleuzian perspective, relating some of the philosopher's concepts to important aspects of Saramago's story. We propose an analysis of the fissure that cracks the Pyrenees, its possible causes and consequences, and the search for truth that results from the following journeys. We also discuss the lines and encounters that pervade the characters, questioning their identities and promoting deterritorializations.

Keywords: Fissures. Lines. Encounters. Truth. Identity.

Notas explicativas

*Pós-doutor em Filosofia (UFRJ).

**Mestranda em Literatura Portuguesa pela (UERJ).

Referências

BLOOM, Harold. Introduction. In.: _____. *José Saramago: Bloom's Modern Critical Views*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2005. p. ix-xviii.

DELEUZE, Gilles. O homem, uma existência duvidosa. In.: _____. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. Trad. Tiago Seixas Themudo. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 125-130.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 176 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1874: três novelas ou 'o que se passou?'. In.: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012. 3 v. p. 69-89.

FITZGERALD, Scott. *A fenda aberta*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena Editora, 1986. 79 p.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 296 p.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 208 p.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 312 p.

Recebido em: 07 de maio de 2014.

Aprovado em: 02 de dezembro de 2014.